# PASSESTE STERNING

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo



712

Paisagem e ambiente: ensaios / Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. – n.1 (1986) – São Paulo: FAU, 1986–

Semestral n. 31 (2013) ISSN 0104-6098

1. Arquitetura Paisagística 2. Planejamento Ambiental. I. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. II. Título

Serviço de Biblioteca e Informação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

### Linha Editorial

A revista Paisagem e ambiente: ensaios é uma publicação semestral da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), voltada ao estudo do espaço livre e do ambiente, e vinculada ao Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente (GDPA), à Área de Concentração Paisagem e Ambiente do Programa de Pós-Graduação da FAUUSP, ao Laboratório Quadro do Paisagismo no Brasil (LABQUAPÁ) e ao Laboratório Paisagem, Arte e Cultura (LabParc).

### Projeto Gráfico

Sóstenes Costa

### Capa

Francine Gramacho Sakata

### Diagramação

Sóstenes Costa

### Revisão de Texto

Valéria Diniz dinizvaleria70@gmail.com

Tiragem: 500 exemplares

### Publicação

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente / Departamento de Projeto Rua do Lago, 876 Cidade Universitária

Cep: 05508-080 São Paulo SP

Fone: (11) 3091-4544 e-mail: paisagismo@usp.br

### Projeto gráfico, diagramação e impressão

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo Laboratório de Programação Gráfica Rua do Lago, 876 Cidade Universitária

Cep: 05508-080 São Paulo SP

Fone: (11) 3091-4528 e-mail: lpgfau@usp.br

### Distribuição

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo Fundação para a Pesquisa Ambiental – FUPAM

Rua do Lago, 876 Cidade Universitária Cep: 05508-080 São Paulo SP

Fone: (11) 3819-4999 e-mail: public@fupam.com.br

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Assessoria a Eventos Culturais

Rua do Lago, 876 Cidade Universitária

Cep: 05508-080 São Paulo SP

Fone: (11) 3091-4801 e-mail: eventfau@usp.br



CREDENCIAMENTO E APOIO FINANCEIRO: PROGRAMA DE APOIO ÀS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS PERIÓDICAS DA USP COMISSÃO DE CREDENCIAMENTO

# **S**UMÁRIO

| EDITORIAL   |
|---|
| Pesquisa  |
| ANÁLISE COMPARATIVA DAS AÇÕES DO PODER PÚBLICO NA QUALIFICAÇÃO DE ESPAÇOS LIVRES NOS MUNICÍPIOS DE BARUERI, ITAPEVI E JANDIRA |
| PUBLIC OPEN SPACES IN THE MUNICIPALITIES OF BARUERI, ITAPEVI AND JANDIRA Leonardo Loyolla Coelho                              |
| Mayara Luísa Tebaldi Amancio  |
| PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA AVALIAÇÃO<br>DA ARBORIZAÇÃO URBANA NA CIDADE DE SÃO PAULO                                    |
| METHODOLOGICAL PROCEDURES FOR URBAN ARBORIZATION AVALIATION<br>IN SÃO PAULO CITY  |
| Bruno Madeira Cruz  |
| COMPARTIMENTOS E UNIDADES DE PAISAGEM:<br>MÉTODO DE LEITURA DA PAISAGEM APLICADO À LINHA FÉRREA                               |
| LANDSCAPE COMPARTMENTS AND UNITS:<br>METHOD OF READING THE LANDSCAPE APPLIED ON RAILROAD LINE                                 |
| Jonathas Magalhães Pereira Silva  |
| Claudio Manetti   |
| Vera Tângari  |
| Fundamentos   |
| O PAPEL DA VEGETAÇÃO ARBÓREA E DAS FLORESTAS NAS ÁREAS URBANAS  |

| A ARQUITETURA NA CIDADE   |
|---|
| Paisagem  |
| KRAJCBERG E OITICICA: PRECURSORES DA ARTE NA PAISAGEM NO BRASIL                   |
| UMA REFLEXÃO ACERCA DO PAPEL DO ARQUITETO NA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM INFORMACIONAL |
| Vanessa Casarin   |
| Alina Gonçalves Santiago  |
| História  |
| A FLORESTA E O JARDIM NO BRASIL DO SÉCULO XIX                                     |
| THE FOREST AND THE GARDEN IN BRASIL AT THE 19TH CENTURY                           |
| Solange de Aragão   |
| Euler Sandeville Junior   |

## **EDITORIAL**

Novas formas de ocupação do espaço urbano surgem nas cidades brasileiras desde o final do século passado, destacando-se obras implantadas no âmbito da iniciativa privada na capital paulistana. Sobressai, em meio às experiências do final dos anos 1990, o conjunto de edifícios que abriga escritórios, unidades residenciais e acomodações hoteleiras, conhecido como Brascan Century Plaza, localizado no bairro do Itaim Bibi, na esquina formada pelas ruas Joaquim Floriano e Bandeira Paulista, área outrora ocupada pela fábrica de chocolates Kopenhagen.

Sua dinâmica de apropriação é extremamente variada nos diferentes horários e dias da semana, agregando diversos grupos etários, que realizam, simultaneamente, atividades voltadas à prestação de serviços, ao trabalho, lazer e entretenimento. Sua ampla permeabilidade, no sentido de possibilitar alternativas de fluxos de circulação aos pedestres, é reforçada pela ausência de muros ou barreiras de qualquer natureza, criando espaços ambiental e visualmente convidativos, aliados aos serviços oferecidos em torno da praça central, onde há salas de cinema, restaurantes e comércio.

A implantação diferenciada dos edifícios proporcionou a delimitação de subespaços de diferentes configurações, que, somados a um projeto paisagístico de excelente qualidade, permitem uma riqueza de vivências cotidianas pouco encontrada em São Paulo.

Talvez, um dos precursores deste tipo de espaço seja o projeto da Cetenco Plaza, na avenida Paulista, no início da década de 1980, de autoria do arquiteto Luciano Fiaschi ou, ainda, o projeto do Centro Empresarial Itaú Conceição, concebido por Maria Lourdes Oliveira, junto à estação do Metrô de mesmo nome, cujo projeto se inicia em 1980 e tem sua obra concluída em 1985. São intervenções que, pela intenção de projeto, vão além das limitações do parcelamento do solo, criando, através do seu desenho, novas possibilidades espaciais urbanas, que articulam o lote ao tecido urbano do entorno imediato, promovendo a continuidade do percurso e a fruição do ambiente urbano.

Desta maneira, assegura-se o provimento de espaços livres de uso público graças à criação de praças integradas às calçadas lindeiras e conexões entre diferentes áreas, através de espaços adequadamente tratados, com bancos, espelhos-dágua e plantio arrojado. Nestes dois casos, tanto os espaços públicos como os privados são objetos de projetos que transpõem a barreira da propriedade em prol da unidade da proposta funcional e estética.

Apesar de já decorridos mais de vinte anos desde as duas primeiras intervenções, algumas questões ainda se colocam: como criar novas propostas espaciais para as cidades – que possam ir além das amarras da legislação e das convenções (modelos tradicionais x novas tipologias, associadas a novas linguagens e necessidades urbanas) – que integrem, por meio dos espaços livres, o tecido preexistente do entorno, estimulando sua requalificação?

Uma possibilidade se assenta na mobilização dos profissionais em focar as ações tanto no conceito de vida pública como (mas não só) no espaço público propriamente dito. Isto é, propor soluções em que a propriedade e a gestão fossem além do público e privado *strictu senso*, levando os usuários – a quem não interessa diretamente os mecanismos jurídicos quando da apropriação do espaço livre – a ocupar e usufruir os espaços da cidade.

É fundamental ir além das intervenções pontuais e ampliar o escopo destas ações, planejando setores mais amplos da cidade, mantendo o objetivo primordial de estimular o convívio da população urbana e relevar, sobretudo, o papel das ruas e calçadas como elemento integrador da cidade. Outra pergunta volta-se para a ausência de ações do mercado imobiliário, que não reproduz soluções de igual quilate às descritas, quando sabemos que o caso inicialmente apresentado é considerado um sucesso em termos empresariais. Por que não são construídas outras obras que sigam estes parâmetros, que, notadamente, valorizam tais empreendimentos?

Acredito que, como arquitetos e urbanistas, seria bastante profícuo avançar neste debate, propondo a adoção de medidas que flexibilizem os critérios da legislação vigente, aproveitando a política de Operações Urbanas para, efetivamente, desenhar além do lote, articulando e integrando pelo menos um conjunto significativo de quadras ao sistema viário próximo.

Em situações menos favoráveis, a quadra, enquanto unidade de desenho urbano, deveria ser pensada de maneira mais adequada, com a observação de critérios de implantação das edificações que gerassem espaços livres apropriados, definindo, inclusive, o caráter das conexões com o restante da cidade, evitando o uso excessivo de muros e fechamentos, que reforçam o isolamento do conjunto.

Medidas já previstas no Estatuto da Cidade – que induzem, por exemplo, a troca de potencial construtivo em favor do espaço livre público – também contribuem para o incremento da qualidade paisagística das cidades. Algumas diretrizes a serem estabelecidas, referentes às características das próprias edificações, seriam igualmente interessantes e complementares, uma vez que poderiam estimular a circulação do pedestre e a fruição da paisagem urbana através de aberturas e passagens devidamente previstas para conectar os espaços, expandindo o limite entre público e privado. Em síntese, um leque de possibilidades se abriria se nos permitíssemos observar e vivenciar a cidade à luz das novas formas de sociabilidade e demandas.

Nesta edição da revista **Paisagem e ambiente**: ensaios, contamos, na seção *Paisagem*, com dois artigos: Krajcberg e Oiticica: precursores da arte na paisagem no Brasil, de Cristiana Bernardi Isaac, aborda a sempre instigante proximidade entre Arquitetura da Paisagem e Land Art, questionando o limite de cada área e a atuação marcante de dois personagens de grande significação no cenário artístico brasileiro. Já o artigo de Vanessa Casarin e Alina Santiago reflete acerca da profusão de signos e símbolos que utilizam a paisagem das nossas cidades como suporte, e a responsabilidade dos arquitetos e escolas na participação deste processo.

No âmbito da Pesquisa, Leonardo Coelho e Mayara Amancio apresentam as reflexões desenvolvidas a partir da análise comparativa das políticas públicas desenvolvidas para a requalificação dos sistemas de espaços livres dos municípios de Barueri, Itapevi e Jandira. Este estudo nos permite aprofundar o conhecimento do setor oeste da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), que, composta por trinta e nove cidades, abriga uma diversidade de situações relativa a seus espaços livres, que estimula os pesquisadores a estudar sua complexidade.

Bruno Madeira Cruz, geógrafo e mestrando da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), apresenta outro estudo voltado para a capital paulistana, em que elabora um método para avaliação da arborização urbana na cidade de São Paulo. Utilizando um programa de Sistema de Informações Geográficas (SIG), o autor mapeou os maciços arbóreos significativos dos bairros da zona sul do município para discutir não só o SIG como ferramenta de trabalho apropriada para a análise da paisagem urbana, mas também o papel da vegetação do extrato arbóreo como elemento estruturador do espaço urbano.

Outro método de trabalho é exposto no artigo de Jonathas Silva, Claudio Manetti e Vera Tângari, que propõe a aplicação de conceitos formulados durante o desenvolvimento da pesquisa Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea (QUAPÁ-SEL I) em um trabalho para a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). Através da definição de Compartimentos e Unidades de Paisagem ao longo da linha férrea que liga São Paulo ao município de Jundiaí, os problemas encontrados foram confrontados com as potencialidades verificadas, possibilitando uma intensa discussão, que visa subsidiar as decisões a serem tomadas posteriormente. É uma excelente oportunidade de analisar os resultados da união da experiência acadêmica com a prática profissional propositiva.

Luis Guilherme Pippi, membro da rede QUAPÁ-SEL em Santa Maria (RS), juntamente com Larissa Carvalho Trindade, professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), analisam o papel do elemento arbóreo e das florestas urbanas para a configuração dos ambientes urbanos, sua relação com os citadinos e os fundamentos da legislação em vigência no que tange à adequação da vegetação às demandas urbanas contemporâneas.

A arquitetura na cidade, de Euler Sandeville Junior, traz uma reflexão bastante original sobre a constituição dos espaços livres urbanos a partir da relação com a arquitetura dos edifícios, seus significados e da participação dos usuários e futuros ocupantes em sua concepção e gestão.

Dentro da seção *História*, Solange de Aragão e Euler Sandeville Junior mostram as transformações dos jardins da casa brasileira no século XIX por meio de textos literários e sociológicos brasileiros, que, somados aos relatos de viajantes, proporcionam um material de leitura extremamente prazeroso.

Arq. Fany Galender